

ELEMENTOS DA TRAGÉDIA PRIMITIVA NO FILME *VOLVER* DE PEDRO ALMODÓVAR

Grasiela Veloso dos Santos¹

RESUMO

A tragédia existe e faz parte da vivência humana, sendo assim muitas produções artísticas entre elas a produção cinematográfica podem exprimir através dos dramas as ambiguidades, problemáticas e as incertezas humanas. Neste artigo pretende-se abordar a questão do feminino na produção fílmica *Volver* de Pedro Almodóvar, dentro de uma perspectiva literária e uma junção entre mitologia grega e psicologia analítica, através do autor Erich Neumann (2008). Na tentativa de resgatar os resquícios da tragédia grega presentes na produção contemporânea.

Palavras-chave: volver, feminino, tragédia grega, drama.

Introdução

A relação entre cinema e Literatura pode ser bem diversa e rica, pois o cinema precisa de embasamentos literários para passar em imagens uma representação que a literatura passa pelas palavras escritas. Muitas produções fílmicas têm como pano de fundo uma bela história clássica dos livros de literatura. Filmes que recontam histórias reproduzem ou repetem revoluções, fatos, transformações e acontecimentos.

Um dos filmes escolhido para esta análise é *Volver* de Pedro Almodóvar, cineasta espanhol que tem em seus temas muito presente a figura feminina, representando seus dramas, desejos e valores.

O gênero é um melodrama clássico, com certo intuito moralizante que rompe com barreiras instituídas pela hegemonia, na qual, se cria uma lei própria instituída por mulheres dentro do círculo familiar.

¹ Graduada em Licenciatura Plena em Letras pela Universidade Estadual de Mato Grosso- UNEMAT. Aluna do curso de Pós Graduação *Lato Sensu* em Língua Portuguesa e Literatura, Departamento de Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso Campus de Sinop. E-mail: grasinhavs@hotmail.com

No filme *Volver*, há uma postura contrária ao pai, que tradicionalmente sempre regeu a família e a sociedade. O filme é uma contradição a essa ordem e ao próprio poder masculino.

Encontraremos subsídios literários dentro da tragédia grega para ilustrar os elementos presentes na produção artística contemporânea, nesse caso o filme *Volver* de 2006.

1. A tragédia e o drama moderno de Almodóvar

O filme conta a história de mulheres da mesma família que num dado momento retornam ao passado, descobrindo verdades e acobertando crimes por elas cometidos.

Os personagens femininos compostos por Irene, Raimunda, Sole, tia Paula, Paula (filha de Raimunda) e Agostina interpretam esse mundo feminino e suas leis.

Irene mãe de Raimunda (Penélope Cruz) e de Sole (Lola Dueñas), finge-se de morta, vivendo escondida e ajudando sua irmã Paula. Irene matou seu marido e sua amante (que era mãe de Agostina) ao descobrir que ele a traía e também por abusar de sua filha Raimunda. Tudo isso se passou numa cidadezinha no interior da Espanha. Raimunda e Sole viviam em Madri, mas visitavam a cidade de origem.

A filha de Raimunda – Paula, também comete um crime: mata seu suposto pai quando o mesmo tenta assediá-la.

Raimunda assume o crime e esconde o corpo, crime esse que não é descoberto e fica em segredo entre as mulheres da família.

Todas as mulheres num dado momento se encontram e se unem num laço que se estreita na cumplicidade de seus crimes.

O filme é um drama, mas com momentos cômicos como os beijinhos trocados entre as mulheres do local. Mas possui como fundo musical um ritmo que causa um pouco de melancolia no espectador.

As ações estão centradas nos personagens, no foco de seus dramas, seus problemas.

Quando pensamos em drama logo nos vem à cabeça essa dualidade que o gênero passa, a ideia de problema, conflito interno com externo, a busca da autoconsciência e da realização, que às vezes não é alcançado.

Na tragédia grega ponto principal que deu origem as tragédias ou dramas (no caso da produção fílmica), há o choque entre forças opostas: a mítica e a racional. Como aponta Costa & Remédios (1988, p. 8):

O universo trágico pode ser concebido como uma crise cujo ponto central é a ambiguidade. Isso porque a tragédia é o resultado de um mundo que se apresenta com o choque entre forças opostas: o mítico e o racional. Desse modo a função primordial da tragédia é a palavra poética que responde a situação do século V a.C.

Na tragédia moderna o homem sofre a sensação de ambiguidade de todas as coisas, porém não há mais deuses para se apegar e transcender, sua vitória ou derrota depende do seu caráter, o herói moderno não tem a mesma convicção de que é vítima do destino:

A tragédia moderna do caráter distingue-se em geral da tragédia antiga do destino; o destino no drama moderno não é mais transcendente e dependente dos deuses ou dos poderes acima dos deuses; o herói vai ao desastre, seu caráter é sua ruína. (...) A tragédia moderna pressupõe um mundo abandonado por Deus, ao passo que a tragédia grega era, ainda em parte, um culto. O herói agora está só. Não há laços que o unam a seus semelhantes ou crenças em mesmos deuses, mesmo destino e na mesma necessidade de seu sacrifício e morte (Idem, 1988, p. 38).

Em *Volver* as personagens passam por dificuldades, por uma camuflagem interna para esconder seus problemas primitivos, como no caso de Raimunda e Irene. Irene precisa sair do “esconderijo” para que os conflitos se resolvam entre mãe e filha e a partir daí passam a figurar como heroínas da autoconsciência e da auto realização.

A essência da tragédia moderna é o processo pelo qual o homem adquire clareza sobre si mesmo, repousando o valor moral da auto-interrogação trágica na implacabilidade com que a ilusão é despedaçada e a natureza real do herói revelada, principalmente para ele próprio. A recompensa pelo grande momento da realização do destino trágico é a autoconsciência e a auto-realização (COSTA & REMÉDIOS, 1988, p. 39).

Raimunda viveu uma alienação de si mesma com a separação de sua mãe, mesmo quando estava viva, porque Irene não compreendia o que se passava com ela, os sofrimentos resultados pelo abuso de seu pai e que a deixou grávida, e por isso resolveu

viver em Madri, fugindo do elo com sua mãe, como se esta devesse ser sua protetora, a “grande mãe” ou deusa de sua vida, livrando-a do perigo.

A traição e o incesto serão punidos pela *dikê*², e os conflitos trazidos por essas adversidades serão sanados pelas próprias personagens do filme.

Dessa forma, os produtores artísticos, tanto do cinema quanto da própria literatura, renovam o trágico buscando nas lendas e mitos milenares tentativas de exprimir ou colocar os problemas e sentimentos do seu tempo. São novas *Antígonas*, *Electras*, *Medéias* e outras reatualizadas na modernidade.

2. Entre volveres primitivos e modernos

Volver é um filme de mulheres, a presença masculina é pequena e quase apagada, silenciada, as mulheres trabalham e cuidam de sua família, mantendo a ordem dentro dela. O pai no filme é uma figura que trouxe desequilíbrios para as mulheres da família, para mãe e filha. Esse pai precisou ser assassinado para a ordem ser estabelecida e a figura da mãe fortificada mantendo a lei dos afetos.

As figuras maternas do filme numa perspectiva apologética são mulheres que vivem por elas mesmas, rompem com instituições, mas tem nos filhos a razão da existência. Erich Neumann (2008) em seus estudos fenomenológicos sobre a constituição feminina do inconsciente, pautadas no arquétipo feminino da Grande Mãe destaca:

A mulher se vivencia, antes de tudo e principalmente, como fonte da vida. Moldada a semelhança da Grande Deusa, ela está ligada ao princípio vital gerador de tudo que existe, que consiste na união da natureza criadora com o princípio gerador da cultura. A íntima relação que existe entre mãe e filha, que é o cerne do grupo das mulheres, reflete-se na manutenção da “relação primordial” entre ambas. O masculino é um estranho aos olhos desse grupo feminino, pois vem de fora e, pela violência, arranca a filha de sua mãe, mesmo que quando aquele vive no mesmo espaço ocupado pelo grupo de mulheres e, em medida ainda maior, quando rapta a mulher levando-a para o seu próprio grupo (NEUMANN, 2008, p. 267).

² Faz referência à Justiça, a deusa que habita com as divindades subterrâneas, a mesma que Antígona se refere na tragédia de Sófocles.

Paula é uma filha quase apagada no filme, tem uma atenção maior apenas no momento em que comete o crime, na defesa contra seu padrasto. Já Agostina é uma filha que busca no seu desamparo da doença a comunhão da mãe, que não vive mais. Ambas são filhas de pais desconhecidos, no caso de Paula que era filha do pai de sua mãe, fruto de uma relação incestuosa e junto com sua mãe precisará superar a tragédia do passado.

As mulheres do filme são solidárias, mesmo as que não são da família, tem uma relação de honra ao maternalismo. É possível notar essa solidariedade entre as vizinhas, no momento em que precisam carregar o *freezer*, poderiam ter chamado um homem, mas não há voz e nem vezes a estes.

É necessário atentarmos ao título do filme: *Volver*, que no caso possui como sinônimos: remexer, revolver, voltar, retroceder, retornar, e outras palavras que poderiam explicá-las, que classifica bem os acontecimentos do filme, trazendo vários volveres na vida das mulheres dessa produção fílmica. Assim tudo recomeça com a volta da mãe de Raimunda e Sole, que até então se acreditava morta, e com sua volta é inevitável remexer no passado. Mas outros volveres também acontecem: como o de nenhuma das mulheres se dar bem com os homens – Irene diz à Sole que nenhuma das três teve sorte com os homens, que seu marido a traiu até o fim.

Há também o volver do abuso da filha (Paula) por parte de seu suposto pai (Paco), assim como o de Raimunda (sua mãe) por seu próprio pai, motivo dela ter saído de casa, grávida de Paula e por isso pode-se supor que tenha parado de cantar, dom que sua mãe incentivava na sua adolescência; o volver do assassinato do pai de Raimunda por parte de sua mãe (Irene) e do “acobertamento” e cumplicidade de Raimunda por parte da morte de Paco por Paula. Nesses três casos, pode-se também ler o filme como um “volver” sem a necessidade da ajuda ou participação masculina. Os crimes são punidos por elas mesmas. Raimunda, por exemplo, não sente remorso algum nem se lamenta pela morte de Paco, a sua ausência traz tranquilidade e vida nova as duas mulheres da casa. A vida de Raimunda fica mais alegre e deixa de trabalhar em vários lugares para se dedicar ao restaurante que ela assume, ou seja, ela “volta” a viver. Enquanto Paco vivia, Raimunda trabalhava muito e Paco estava sempre desempregado. Antes da morte de Paco pode-se representar Raimunda como uma mulher operária que sai em busca do sustento da colmeia enquanto o zangão fica esperando pelo alimento.

Outro momento, um dos mais bonitos do filme é quando Raimunda volta a cantar, durante uma festa de um pessoal que produzia um filme no local e pediu para fazer a festa no restaurante que ela estava cuidando. Raimunda canta justamente uma música que cantara na sua juventude “Volver”, que encanta a todos e faz emocionar sua mãe que estava escondida naquele momento.

Nisso a vida dessas mulheres “volta” a ficar bem, após as remexidas no passado, mas o filme termina e ficam só as mulheres, sozinhas, porém unidas para envelhecer e morrer... *Volver* é retornar, mas também renascer – voltar ao ciclo através de novos ventos. O vento do início e do final do filme indicando esses volveres na vida dessas mulheres. A ventania que provocou tragédias, mas que trouxe novos espíritos e o ressurgimento de uma nova vida, com a volta da mãe Irene.

Não podemos esquecer-nos da primeira cena no início do filme, na qual as mulheres limpam as lápides de seus mortos no cemitério, outras limpam suas próprias lápides, como é o caso de Agostina, isso tudo na cidadezinha em que Raimunda nasceu, na qual está enterrada seus pais.

Nota-se que é uma tradição cuidar dos mortos naquela localidade, costume esse que causa estranhamento a Paula, e que é explicado por sua tia Sole: “são os costumes”. “Compram seu próprio túmulo e cuidam dele a vida inteira como se fosse uma casa”, diz Raimunda.

Ora essa tradição de valorizar os mortos, conviver com eles não é mais tão presente em nossa sociedade ocidental. Mas é possível fazer referência a uma antiga tragédia grega escrita por Sófocles – *Antígona*.

Antígona queria enterrar seu irmão, conforme costumes da época e era necessário os rituais do enterro para que o morto tivesse o descanso devido. Mas *Antígona* foi barrada por leis maiores, as leis de Creonte, tirano da cidade de Tebas, que institui que aquele que violasse as leis da cidade ou se voltasse contra ela, não deveria merecer as honras do sepultamento, ficaria ao ar livre sendo devorado pelas feras. “Quer que permaneça insepulto, sem homenagens fúnebres, e presa de aves carniceiras.” (SÓFOCLES, 2005, p. 06).

Porém *Antígona* violou essa lei e foi em busca de seu irmão Polinice, para enterrá-lo com as devidas cerimônias que seu irmão merecia e pelo afeto a sua família.

Antígona servia a outros deuses, deuses que já não eram cultuados na sua época. Deixa claro essa crença na resposta dada a Creonte quando este a interrogou sobre sua desobediência, e sua audácia ao descumprir sua determinação.

(...) porque não foi Júpiter que a promulgou; e a Justiça, a deusa que habita com as divindades subterrâneas jamais estabeleceu tal decreto entre os humanos; nem eu creio que seu édito tenha força bastante para conferir a um mortal o poder de infringir as leis divinas, que nunca foram escritas, mas são irrevogáveis; não existem a partir de ontem, ou de hoje; são eternas, sim! e ninguém sabe desde quando vigoram! – Tais decretos, eu, que não temo o poder de homem algum, posso violar sem que por isso me venham a punir os deuses! (...) (SÓFOCLES, 2005, p. 30-31).

Antígona desafiou o soberano da cidade de Tebas, pois para ela existiam leis maiores que o poder do estado e de um homem, sua irmã Ismênia com medo de ajudá-la a adverte do perigo: “Convém não esquecer ainda que somos mulheres, e, como tais, não podemos lutar contra homens” (SÓFOLES, 2005, p. 8).

Assim como Medéia, Antígona representa uma das mulheres fora de seu tempo, que desafiaram o soberano político para fazer suas próprias leis, mesmo que por elas precisassem morrer.

Os deuses de Antígona se opunham aos deuses tutelares da cidade governada por Creonte, pois, para ele às leis da pátria teriam de ser obedecidas, mesma que estas se opusessem aos antepassados e à própria família.

O conflito entre Antígona e Creonte recobre uma antinomia análoga. Não opõe a religião pura, representada pela jovem, a irreligiosidade completa, representada por Creonte, ou um espírito religioso a um espírito político, mas dois tipos diferentes de religiosidade: de um lado, uma religião familiar, puramente privada, limitada ao círculo estreito dos parentes próximos, os *phíloi*, centrada no lar familiar e nos mortos – de outro, uma religião pública onde os deuses tutelares da cidade tendem finalmente a confundir-se com os valores supremos do Estado (VERNANT, 1999, p. 18).

Assim, Antígona representa um paradigma que perdura até os dias de hoje, uma sociedade ainda falocrática, na qual as leis são promulgadas por homens. Antígona se opôs a ordem dos deuses patriarcais para cultuar as antigas deusas femininas, na qual a

lei mais arcaica valoriza os consanguíneos, a família. Antígona se entregou a morte mas não renegou o cumprimento dessas leis.

As mulheres de *Volver* são essas Antígonas em constantes transformações, burlando essas leis patriarcais dentro da cidade, para proteger seus filhos e punir os mau feitores, a traição, o incesto, através de suas próprias sentenças.

O mundo dessas mulheres no filme *Volver* é um mundo à parte, uma sociedade, na qual a outra, (a dos homens), não tem permissão para julgar seus “crimes” e estabelecer suas leis.

Volver pode também remeter a essa volta às sociedades matrilineares, Neumann (2008) aponta para uma equação corpo-mundo da sociedade primitiva, a equação básica do feminino: Mulher = Corpo = Vaso = Mundo. Na qual “Essa é a fórmula básica do estágio da vida matriarcal, isto é, de uma fase da humanidade em que há o domínio do ‘Grande Feminino’ sobre o Masculino, e em que o inconsciente domina o ego e a consciência” (NEUMANN, 2008, p. 49).

O vaso representa o grande vaso do corpo feminino com seus elementos simbólicos: boca, seio e útero. O útero está no território do ventre e pode significar tanto o acolhimento do nascido no vaso do mundo, como também o abismo, as profundezas mais obscuras. Assim o feminino pode tanto acolher como punir. A Grande Mãe não possui somente traços positivos, mas também negativos, não é só a mãe bondosa, mas também a mãe terrível, o Grande Feminino não é só doador e protetor da vida, mas também retém e retoma. O útero também pode ter o símbolo conceitual do aniquilamento, do apodrecimento e da decomposição, por isso pode estar ligado à túmulos e cemitérios.

São somente as mulheres que cuidam dos túmulos no filme *Volver*, na cidadezinha de origem de Raimunda e Sole. O túmulo é a volta à terra, o útero que compõe e decompõe.

Já os seios da mulher-vaso também “une o caráter elementar de conter ao nutrir, ‘realça’ o motivo de ‘dar’, ‘distribuir’ e do ‘oferecer’. O caráter de transformação desse símbolo diz respeito a nutrir um ego já nascido, seja da criança durante a infância, seja um ego independente (...)” (NEUMANN, 2008, p. 52).

Uma imagem durante o filme na qual Raimunda lava louças, a câmera foca seus seios na posição de cima para baixo, durante alguns segundos. Essa imagem chama a

atenção para o fato de Raimunda ter colocado silicone nos seios, fato comum e moderno, mas que mostra uma mulher decidida e trabalhadora, além de sensual e bonita. Uma certa completude feminina.

Os seios têm uma representação psíquica e social na vida de uma mulher e em todas as culturas, o seio feminino é símbolo de feminilidade, seja quando evoca a mulher como fonte de vida e alimento, seja quando a evoca como fonte de prazer, afeto e aconchego, como é a parte superior da mulher-vaso, o seio é algo que falta ao masculino, que é privado de nutrir e gerar a vida.

Raimunda é a representação de um feminino forte, decisivo, enquanto Sole está para companheira, acolhedora e cúmplice. As roupas da personagem Raimunda são dotadas de cores vivas e vibrantes. Tudo nela é mais exagerado, como em geral as artistas se apresentam, e sua alma é de artista, visto que sua mãe a incentivava quando mais jovem, seria a busca da liberdade, da criação, da imaginação, algo que ela vai recuperar no momento em que canta no restaurante.

A personagem Raimunda olhando para a faca ensanguentada, também é uma cena muito forte, a faca foi um instrumento de vingança contra Paco, e seu olhar sobre este instrumento mostra um feminino em fúria. “A faca é um símbolo que constitui a inversão da espada, associadas às ideias de vingança e morte, mas também às de sacrifício” (CIRLOT, 1984, p. 50).

Essa mesma faca Raimunda usa em outras cenas do filme, cozinhando, lavando, num tom de normalidade, praticidade ou banalidade.

Paco foi um bode expiatório para todos os que cometem incesto, era necessário seu sacrifício para que as mulheres pudessem continuar suas vidas sem a intromissão masculina, o estorvo que ele significava na vida delas.

Assim, desenvolve-se na produção fílmica uma transformação feminina, uma representação da evolução da mesma e desenvolvimento de seu poder. Essa transformação mana, que também é perceptível em Medéia:

Medéia é a figura mana feminina da antiguidade que representa o princípio da forma mais clara da transformação. Nela, porém, o matriarcado em declínio já está desvalorizado pelo princípio patriarcal, e a realidade mítica que ela representa, de fato, já se encontra nela personalizada, isto é, reduzida ao nível meramente pessoal e assim negativizada. Da mesma forma que Circe, que

originariamente era uma deusa, ela se tornou uma “feiticeira” no mito de nuances patriarcais” (NEUMANN, 2008, p. 253).

Na mitologia grega, Perseu, símbolo do masculino corta a cabeça de Medusa uma das três Górgonas, símbolo do poder petrificador feminino. A cabeça de Medusa é toda envolta por serpentes e seu olhar paralisa os homens, aquele que a olha de frente transforma-se em pedra.

Perseu cortou a cabeça da Górgona e para isso precisou de um espelho para enfrentá-la. Assim *Volver* de Almodóvar traz a representação dessas mulheres que criam na margem da sociedade masculina outra ordem de valores, e é por isso que a cabeça desse feminino terrível precisa ser cortada, para que não ameace ou deteriore o império masculino.

Considerações finais

O trágico feminino está presente em muitas produções literárias e cinematográficas, as tensões, o tema do incesto, da traição são questões frequentes nessas produções, e é nelas que encontramos elementos que já eram representados a milhares de anos quando surgiu a tragédia grega, que através do teatro grego os atores procuravam representar a problemática do ser humano, que se via submetido a forças sobrenaturais e guiado por elas.

Os deuses já não fazem mais parte da crença humana, porém o drama da existência sempre perdurou, e no filme *Volver* encontramos o drama feminino, suas angústias, limitações e buscas constantes do prazer e do bem estar.

No trágico, o sofrimento traz aprendizados, e mostra que não existem verdades absolutas, mas verdades flexíveis.

Referências

CIRLOT, Juan Eduardo. Trad. EVAS, R. E. F. *Dicionário de símbolos*. São Paulo: Editora Moraes, 1984.

COSTA, Lígia Militz da; REMÉDIOS, M. L. R. *A tragédia: estrutura e história*. São Paulo: Ática, 1988.

NEUMANN, Erich. *A grande mãe: um estudo fenomenológico da constituição feminina do inconsciente*. 13 ed. São Paulo: Cultrix, 2008.

VERNANT, Jean Pierre; NAQUET, Pierre Vidal. *Mito e tragédia na Grécia antiga*. 1 ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.

VOLVER. Direção: Pedro Almodóvar. Produção: Esther García. Espanha: Fox, 2006. 1 DVD (121 minutos), widescreen, color. Produzido por Sony Pictures Classics/Fox do Brasil.

SÓFOCLES. Tradução J. B. de Mello e Souza. *Antígone*. Fonte Digital, 2005. Disponível em: <www.eBooksBrasil.com>. Acesso em: 15 maio 2010.

ELEMENTS OF PRIMITIVE TRAGEDY IN THE MOVIE *VOLVER* BY PEDRO ALMODÓVAR

ABSTRACT

The tragedy exists and is part of the experience human, being thus many artistic productions between them the cinematographic production can express through the dramas the ambiguities, problematics and the uncertainties humans. This paper intended to approach the question of feminine in the film production *Volver* by Pedro Almodóvar, inside of a literary perspective and in a junction between mythology Greek and analytical psychology, through author Erich Neumann (2008). In an attempt to rescue the vestige of the tragedy Greek in the artistic production contemporary.

Keywords: volver, feminine, greek tragedy, drama.